



▶ Alta Sociedade

- Jane olhou a prancheta do "Costão da lua cheia" e perguntou: o que é lua cheia?
- Andreia (novata no clube) perguntou qual seria o melhor agasalho para usar na montanha. Todos responderam: "Anorak!" E a Cris (Ana): "Pode chamar de CARPA!"
- Perto do cume do Papudo, o Guilherme Piu-Piu olha muito sério para as garotas do clube: "Quero ficar sozinho com o Diego lá em cima". O SERECA estava presente e testemunhou tudo!

Clube Excursionista Carioca

Fundado em 21 de fevereiro de 1946

Rua Hilário de Gouveia, 71 / 206
 Copacabana - Rio de Janeiro
 CEP: 22040-020 Tel: 255-1348
 Internet: www.carioca.org.br

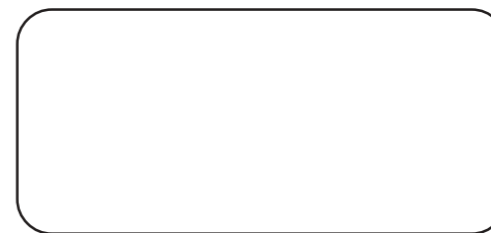
Reuniões sociais às quartas e sextas a partir de 20:30hs

- No bate papo da secretaria MRobert pergunta pro Piu-Piu: "O Maloel cortou o cabelo?" Ao que o Alfredo prontamente responde: "Só se for as pontas!"
- Antes da excursão para o Pico da Tijuca, ainda no Bom Retiro, Cris (Ana) pergunta: "Depois a gente vai almoçar aonde?" Com isso ela ganhou um merecido apelido: Magali.



Informativo do Clube Excursionista Carioca

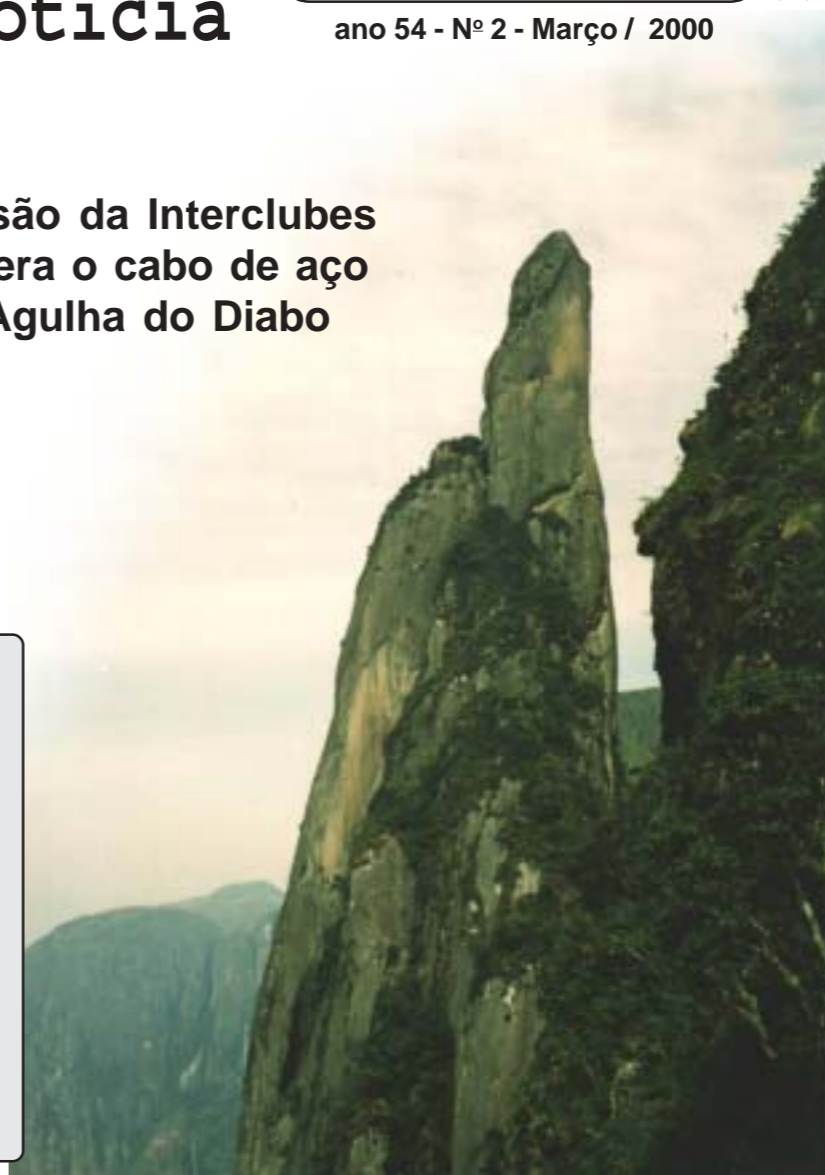
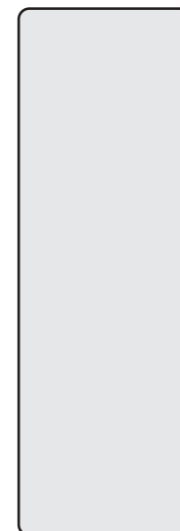
C.E.C. É notícia



IMPRESSO

ano 54 - Nº 2 - Março / 2000

Excursão da Interclubes recupera o cabo de aço da Agulha do Diabo



► Por dentro da montanha

• O endereço do fórum Interclubes na internet é:

www.egroups.com/list/interclubes

• No dia 15 de Março será promovido mais um Seminário Técnico da Interclubes. O **1º Seminário sobre Proteções Fixas** será feito nos moldes do bem sucedido Seminário de Graduação e acontecerá na sede do Centro Excursionista Brasileiro a partir das 19:30h.

• Conquistada na extrema direita da Face Sul do Contraforte do Corcovado (acesso pela Rua Viúva Lacerda) a via **O Discreto Charme da Burguesia** (3º IVsup, a confirmar). Os conquistadores são Guilherme Piu-Piu e Manuel Guto e o croqui estará disponível em breve na home-page do CEC.

• No último dia 20, uma excursão da Interclubes reunindo montanhistas do CERJ (Zé), Light (Renatão, Gustavo e Amarelinho) e CEC (Miguel Freitas) restaurou o cabo de aço da **Agulha do Diabo**. O cabo estava partido justamente no lance mais vertical, por causa de uma folga que causou a fadiga do material. A mesma folga foi utilizada para sobrepor as duas partes do cabo, prendendo-as então com os novos clips que foram levados. Foi decidido ainda fixá-lo em um ponto (já existente) acima da emenda para evitar um pequeno pêndulo do escalador e também proteger o próprio cabo de aço. Assim, o trecho volta a ter condições de segurança mantendo as características originais da via.

► Por dentro do CEC

• Atenção, galera. Excursões ao PNSO (Parque Nacional da Serra dos Órgãos) que não forem passar pela portaria devem ser comunicadas ao parque pelo tel: 21-642-0659. Ouviu galera do Dedo de Deus?

• Foi aprovada na última reunião de diretoria o aumento da mensalidade para R\$10,00. Como sempre, a cada 3 meses pagos há um desconto de meia mensalidade. Lembramos que vários sócios estão em atraso, portanto, verifique o seu nome na lista fixada na sede do clube.

• **Foram definidas as datas do CBM/2000: com início em 04/05/2000 o curso terá a duração aproximada de 1 mês com 5 aulas teóricas e 8 práticas. O preço é de 200 Reais.**

• Nossos parabéns ao Milone, ele finalmente pagou o bar!

• **Data da eleição de diretoria (assembléia): 23/03/2000.**

C.E.C. É notícia

Uma publicação do Clube Excursionista Carioca

Editor: Guilherme Dias

Colaboradores:

Miguel Freitas

Bernardo Collares

Cris (Ana)

Capa: Agulha do Diabo

Programação de março / 2000

Dia	Evento	Tipo	Grau	Local	Organização
11 Sab	Cor de Abóbora	Escalada	2º III	Morro da Urca	Alfredo
12 Dom	Travessia dos Olhos	Escalada	3º III	Pedra da Gávea	Piu-Piu
15 Qua	Paredão Preto	Escalada	2º III+	Morro da Urca	Alfredo
17 Sex	Wilma Arnaud	Escalada	4º V	Babilônia	Bula
18 Sab	Leste	Escalada	3º III A0	Dedo de Deus	Piu-Piu
19 Dom	Pedra Bonita	Caminhada	Leve +	PNT	Rinelli
20 Seg	Ervê Muniz	Escalada	4º V	Morro da Urca	Bula
25 Sab	K2	Escalada	4º IV+	Corcovado	Piu-Piu
25 Sab	Passagem da Neblina	Caminhada	2º	PNSO	Teresa
26 Dom	Magia Vertical	Escalada	5º VII	Pico da Tijuca	Bernardo
26 Dom	Infinita Highway	Escalada	6º VI+ (A1/VIIb)	Escalavrado	Miguel Rego
26 Dom	Arne Saknussem	Escalada	3º IV+	Prainha	Alfredo
29 Qua	Augusto Rushi	Escalada	2º III	Morro da Urca	Bula

► Ranking 2000

Categoria Guia

1º Sergio Bula	12
2º Bernardo	12
3º Rinelli	8
4º Cris Jorge	7
5º Helena Artmann	5
6º Miguel Freitas	5
7º Miguel Rego	3
8º Milone	3
9º Ivan	3

Categoria Participante

4º Cris (Ana)	16
2º Hernando	16
3º Diego Polari	15
4º Miguel Freitas	15
5º Renata Skol	11
6º Sergio Bula	10
7º Jerônimo	9
8º Leo Skol	9
9º Jane	7
10º Marcelo Roberto	6

DAM, STERLING ROPE, WILD COUNTRY, SALTIC, CERRO TORRE, OMEGA PACIFIC, TRANGO, PETZL, BLACK DIAMOND, MSR, HI-TEC, CLIMBING MAGAZINE, FABIANO RESSOLAS E MUITO MAIS...

AS MELHORES MARCAS DO MUNDO PELOS MENORES PREÇOS DO MERCADO. VENHA CONFERIR!

Novo endereço !!!
Rua Visconde de Pirajá, 444 - Sobrelaje 216 - Ipanema
Tels: (21) 523-5173 / (21) 9706-6845
f. equipamentos@openlink.com.br

EQUIPAMENTOS

TELEVENDAS PARA TODO BRASIL!

(4) Além do grau do artificial, existe uma opção de se colocar a quantidade de pontos de apoio artificiais, para vias quase em sua totalidade em livre, mas com pequeno número de lances em artificial. Basta se colocar o número de pontos de apoio entre parêntesis, logo após o grau do artificial (ex: A3 (1), A1 (2), A0 (3),...).

(5) Há um grau opcional para tempo de duração da escalada que será, provavelmente, muito mais utilizado para vias de Big Wall, mas podendo ser usado em vias urbanas, através da colocação do algarismo D (de D1 a D6).

D1 (Grade I)- Normalmente a via requer apenas algumas horas de escalada técnica (exclui aproximação, etc), não importando o seu nível de dificuldade.

D2 (Grade II)- Normalmente requer meio dia de escalada técnica, não importando o seu nível de dificuldade.

D3 (Grade III)- Normalmente requer um dia completo, não importando o seu nível de dificuldade.

D4 (Grade IV)- Normalmente requer um longo dia de escalada técnica, e em geral o trecho mais difícil não é mais fácil que um 5º grau.

D5 (Grade V)- Em média toma um dia e meio de escalada técnica. Normalmente o trecho mais difícil não é mais fácil que 6º grau.

D6 (Grade VI)- Toma normalmente dois ou

mais dias de escalada técnica. Normalmente inclui trechos difíceis de escalada livre e/ou artificial.

(6) O grau de exposição é opcional e expressa o grau de exigência psicológica de determinada via com relação ao espaçamento das proteções e ao nível de risco ocasionado por uma queda. É colocado no fim da graduação.

- E1**- Vias bem protegidas;
- E2**- Vias com proteção regular (ex.: vias do Morro da Babilônia, na Urca/RJ);
- E3**- Proteção regular com trechos perigosos;
- E4**- Vias perigosas (em caso de queda);
- E5**- Vias muito perigosas (em caso de queda).

Obs.: Como “perigoso” entenda possibilidade de morte em caso de queda. Mesmo que seja um trecho fácil, se você cair pode bater em um platô antes de a corda esticar ou uma proteção muito marginal ou móvel que não segure uma queda de guia.

Exemplos:

5º VI (A1/VIIIb) - Via de grau geral 5, crux VI e trecho em Artificial grau 1, que já foi feito em livre pegando grau VIIIb.

3ºsup IV - Não existe, pois o grau geral não possui subdivisões.

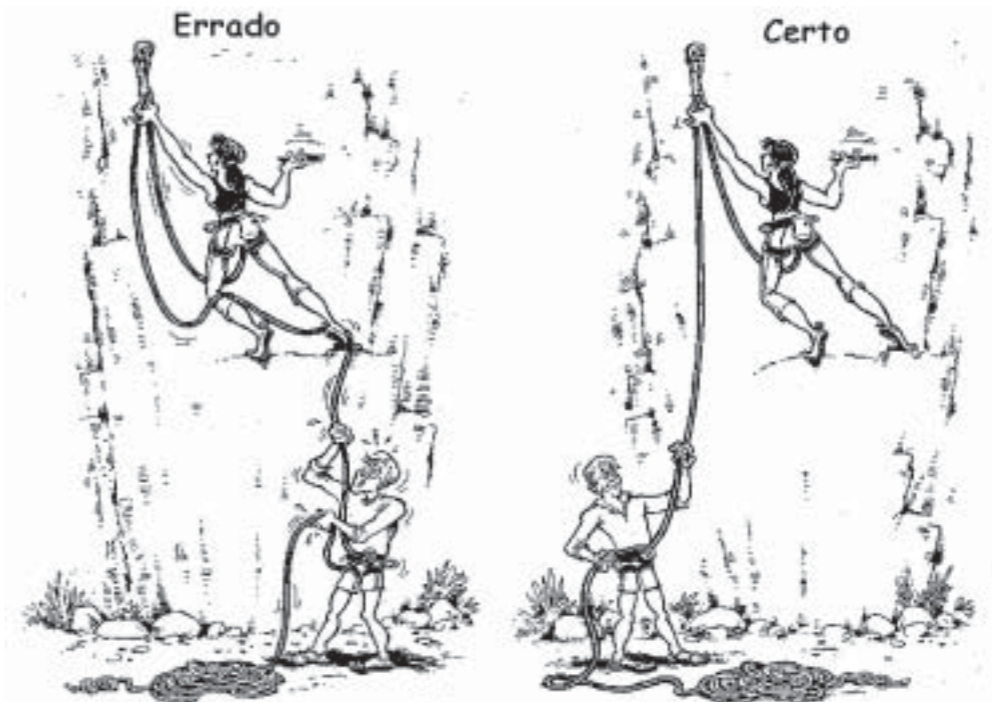
O grau de uma via pode ser descrito com apenas um número (como 5º, ou V) ou parecer uma equação diferencial como D3 4º VI^{sup} (A1(2)/VIIc) E3.

► **Técnicas de Segurança**

Alguns dos erros mais comuns e que podem causar acidentes numa escalada.

1. Uma má comunicação entre os escaladores pode levar o participante (segurador) a soltar a segurança do guia antes do tempo. O guia então se pendura na corda esperando ser travado e despenca. Lembre-se que uma boa comunicação é absolutamente essencial.
2. O guia cai e um participante desatento deixa a corda correr até o guia bater no chão. Isto não é difícil de acontecer quando o guia está em algum ponto entre o primeiro e o terceiro grampo da via e o segurador deixa a corda com u m a barriga muito grande.

3. O participante dá segurança muito afastado da base da via e é arrastado para a parede com a queda do guia, adicionando mais corda a queda do mesmo, causando ferimentos no segurador e possivelmente a queda do guia até o chão.
4. O segurador arma o aparelho de segurança errado e não consegue deter a queda do guia (comum com o gri-gri). Cheque sempre.
5. O guia esquece de completar o nó de encordamento. Uma vez começado um nó, não permita que nada distraia você até que tenha terminado o nó. Então confira para ver se está tudo certo.
6. O guia se desespera com uma queda eminente e cai sem controle. Tente manter uma posição estável ao cair. E afaste a



Atenção no posicionamento da corda...

NOVA LOJA



EQUINOX

Rua Buenos Aires 41 S. 903 - Telefone: 233-5375

AS MELHORES MARCAS DE IMPORTADOS MAIS A QUALIDADE EQUINOX
A ÚNICA COM GARANTIA TOTAL

corda do seu calcanhar.

7. O guia ou o participante esquece de fazer a segunda passada na fivela do baudrier (muito comum). Cheque duplamente.

8. O guia passa a corda erradamente pelo mosquetão e ao cair a corda se desclipa. Preste atenção no sentido da corda sobre os mosquetões. Use mosquetões de rosca em pontos cruciais.

9. O mosquetão é forçado com a janela aberta e se parte. Tome cuidado com o posicionamento de seus mosquetões e troque-os quando estiverem

extremamente usados.

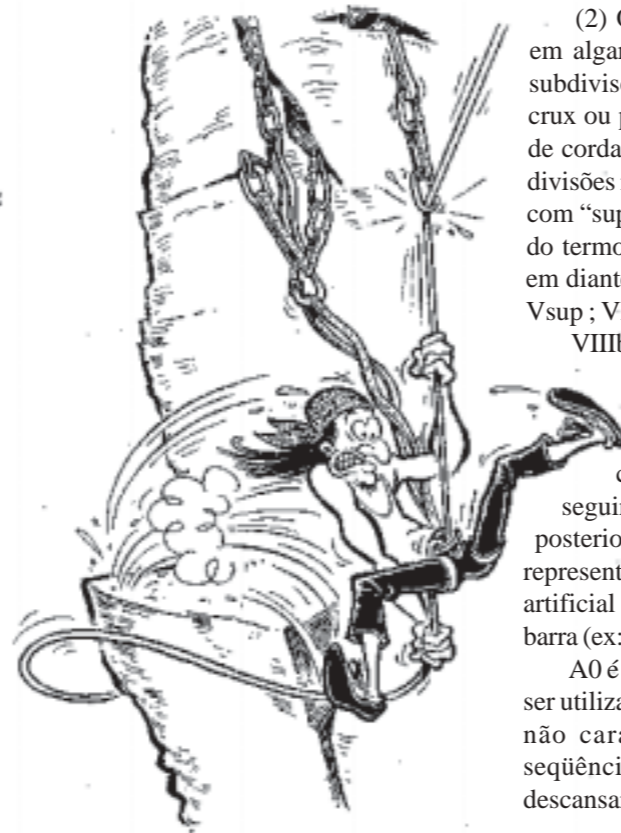
10. A corda sai do top-ropo. Use sempre mosquetões de rosca ou dois mosquetões simples com janelas opostas.

11. O guia é descido, em top-ropo, com a corda deslizando por dentro de uma fita (e não um mosquetão).

12. A ponta da corda passa pelo freio do participante enquanto o guia é descido, levando-o ao chão (mais comum do que se imagina). O simples encordamento do segurador evitaria este indesculpável erro.

Fonte: Fator 2 / 1999.

Atenção na segurança!



► Sistema Brasileiro de Graduação (Fonte: Hang On)

Estes são os resultados das discussões concluídas no ciclo de Seminários sobre o Sistema de Graduação Brasileiro que fechou a proposta carioca para a unificação de um Sistema nacional.

A graduação de uma via deve conter:

(1) O grau geral da via, representado em números arábicos (1, 2, 3,...) tentando expressar todos os fatores que influenciam a via. Historicamente, não há definição do grau geral da via além do grau do lance mais difícil em vias com menos de um esticão de corda (ou enfiada). Assim, para vias de até um esticão (enfiada) utiliza-se, apenas, o grau do lance mais difícil (crux).

(2) O grau do lance mais difícil (crux) em algarismos romanos (I, II, III,...), com subdivisões descritas abaixo. Para o grau do crux ou para vias com menos de um esticão de corda (ou enfiada), até o grau VI sup, as divisões intermediárias dos graus serão dadas com “sup” (ou +), que significa a abreviação do termo “superior”. A partir deste (do VII em diante), as divisões serão a, b, c (ex.: V ; Vsup ; VI ; VIsup ; VIIa ; VIIb ; VIIc ; VIIa ; VIIb ; VIIc ; IXa...).

(3) Caso haja artificial, ele deve ser representado segundo o Sistema Internacional (A1 até A5, com exceção do A0, explicado a seguir). Caso o trecho em artificial seja posteriormente feito em livre, este deve ser representado também junto com o grau em artificial entre parêntesis separado por uma barra (ex: A1/VIIIa, A0/VIIc,...).

A0 é um conjunto de recursos que podem ser utilizados para vencer um trecho, mas que não caracterizam a realização de uma seqüência em artificial, como: parar para descansar antes do final da enfiada; progredir

com tensão de corda; alguns pontos de apoio não seqüenciais desde que não apresentem risco de queda significativo; pêndulos; segurar no grampo para ascender ou costurar.

A diferença com relação ao Sistema Internacional está no chamado “french-free”. No nosso caso, não diferenciamos em “necessário o estribo ou não” e sim em “pontos isolados de apoio ou não”. Ou seja, pegar na costura para ascender, ou costurar isoladamente, será considerado A0. No entanto, se isso acontecer seqüencialmente será A1.

Os demais níveis de dificuldade (A2 ao A5) de artificial seguem o sistema americano: **A1:** Escalada artificial fácil: colocações diretas e solidas. Nenhum risco de qualquer peça sair. Estribos geralmente necessários.

A2: Escalada artificial moderada: colocações geralmente solidas porem extenuantes e de difícil colocação.

A2+: Potencial de queda de 6 a 10 metros mas com pouca risco de acertar qualquer coisa (quedas sem risco).

A3: Artificial Duro: métodos de testar são necessários (pular nas peças). Envolve varias colocações capciosas em seqüência. Geralmente encontradas colocações bombas ao longo da enfiada. Potencial de queda alto de até 16 metros (arrancamento de 6 a 8 colocações), mas geralmente segura de acidente grave.

A3+: Como o A3, mas com um potencial de queda mais perigoso. Potencial para se machucar caso não for usado um bom julgamento.

A4: Escalada Artificial seria. Muito Perigo. Potencial de queda de 20 à 30 metros com aterrissagem incerta.

A4+: Mais sério que o A4.

A5: Artificial Extremo. Nenhuma peça pode segurar uma queda em toda a enfiada.

A6: Grau teórico, A5 escalado com bases marginais (bases que não podem segurar uma queda).